

## **Reflexões sobre a noção de escolha sexual**

*Renato Jesus Aparecido de Praga Palma\**

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é abordar o tema da sexualidade a partir de um recorte específico: da interrogação de determinados discursos que consideram a orientação sexual da ordem de uma escolha, de uma opção, como se se pudesse fazer uma eleição, e como se ainda fosse possível reordenar a orientação sexual constituída. Buscaremos analisar como a teoria e a clínica psicanalíticas podem responder a esses discursos. Para tal, ensinamos trazer à tona as contribuições de Sigmund Freud e de Jacques Lacan sobre o tema da escolha no processo de estruturação subjetiva e, com isso, averiguar se há possibilidades de se fazerem escolhas na constituição da sexualidade.

**Palavras-chave:** ESCOLHA SEXUAL; CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO; SOBREDETERMINAÇÃO; PARTICIPAÇÃO SUBJETIVA

### **Reflections on the notion of sexual choice**

### **Abstract**

The purpose of this work is to discuss the theme of the sexuality from a specific point: from analysis of certain discourses that consider the sexual orientation as a choice, an option, as if an election could be made, and as if it were still possible to reorder the constituted sexual orientation. We will seek to analyze how psychoanalytic theory and clinic can respond to this discourses. For this, we aim to bring the contributions of Sigmund Freud and Jacques Lacan on the theme of choice in the process of the subjective structuring, and thus to verify if there are possibilities to make choices in the constitution of sexuality.

**Keywords:** SEXUAL CHOICE; SUBJECTIVE CONSTITUTION; OVERDETERMINATION; SUBJECTIVE PARTICIPATION

### **Reflexiones sobre la noción de elección sexual**

### **Resumen**

El propósito de este trabajo es discutir el tema de la sexualidad desde un punto específico: del análisis de ciertos discursos que consideran la orientación sexual del orden de una elección, de una opción, como si pudiera hacer una elección, y como si todavía fuera posible reordenar la orientación sexual constituída. Buscaremos analizar cómo la teoría y la clínica psicoanalíticas pueden responder a estos discursos. Para eso, queremos destacar las contribuciones de Sigmund Freud y de Jacques Lacan sobre el tema de la elección en el proceso de estructuración subjetiva, y así determinar si hay posibilidades de hacer elecciones en la constitución de la sexualidad.

**Palabras claves:** ELECCIÓN SEXUAL; CONSTITUCIÓN DEL SUJETO; SOBREDETERMINACIÓN; PARTICIPACIÓN SUBJETIVA

\* Psicanalista. Doutorando em Psicanálise Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutorando em Psicologia pela Université Côte d'Azur (Nice-França)  
ORCID: 0000-0003-3366-6100  
E-mail: [renatoppalma@hotmail.com](mailto:renatoppalma@hotmail.com)

## Introdução

Na introdução do trabalho “Imitación e insubordinación de género” (2000), Judith Butler afirma que não há linhas diretas expressivas ou causais entre sexo, apresentação de gênero, fantasia e sexualidade, alegando que há uma desvinculação entre o sexo biológico, a identidade de gênero e o objeto com o qual se obtém satisfação sexual. Essa leitura implica a hipótese de que não é o sexo biológico que determina uma ou outra posição de gozo, e que o gênero não é sintônico ao sexo biológico, nem às formas de se obter satisfação sexual, mas que seria aquilo que se dirime no campo das identificações. Esse descompasso faz produzir diferentes concatenações e múltiplas possibilidades de organização da sexualidade.

Observa-se, por outro lado, a presença de alguns discursos que se alicerçam no imaginário social de que é possível fazer escolhas ligadas ao gênero e ao objeto de satisfação sexual. Nesse contexto, muito se ouve falar do termo “opção sexual” ao se referir à posição sexuada dentro da partilha dos sexos, denotando que seria possível eleger um dentre os igualmente presentes. O imaginário social muitas vezes se prende à ideia de uma escolha sexual como uma escolha egoica, como se essa eleição fosse realizada por uma instância ôntica, por um sujeito que tem consciência de si, que seria capaz de escolher o que quer, de eleger uma coisa ou outra, sendo ainda capaz de optar pela reversão da escolha realizada. Esse posicionamento é atualmente bastante observado em alguns discursos políticos e religiosos que propõem, por exemplo, a chamada “cura gay”, denotando que se uma identidade de gênero ou um objeto de satisfação sexual é escolhido, também é possível escolher outra coisa e modificar a sua escolha *a posteriori*.

No presente artigo, buscaremos avaliar o tema da escolha sexual através do prisma psicanalítico, uma vez que tanto Sigmund Freud quanto Jacques Lacan se debruçaram sobre o tema da escolha em diferentes momentos de suas obras, expressando a dificuldade de utilizar esse termo ao se pensar no processo de constituição subjetiva, porém não se furtando a ele, utilizando expressões como “escolha da neurose”, “escolha de objeto sexual”, “escolha forçada” e “escolha inconsciente”. Partiremos das contribuições de Freud e de Lacan sobre a constituição do sujeito para indagar se é possível falar de escolha nesse processo. Trabalhar com a psicanálise é recolocar em questão um tema já analisado por eles, o qual, na época, fazia referência à escolha de estrutura psíquica, mas que hoje retorna principalmente no discurso político e religioso com a ideia de que seria possível realizar uma escolha sexual. O que a psicanálise tem a dizer sobre esse discurso que associa o tema da orientação sexual com a noção de escolha?

Visamos primeiramente averiguar como é possível haver um mecanismo eletivo, isto é, de ação seletiva do sujeito em sua constituição, em um contexto no qual a estruturação subjetiva foi aproximada por Freud e Lacan de fenômenos sobredeterminados, independentes do posicionamento subjetivo. Avaliaremos como é possível ao sujeito agenciar uma escolha em um contexto em que ele próprio é efeito dessa eleição. A partir disso, tentaremos responder à pergunta supracitada no título deste trabalho.

### Freud e os primeiros trabalhos sobre o tema da escolha

As primeiras referências freudianas sobre o tema da escolha remetem-se aos estudos pré-psicanalíticos sobre a etiologia da neurose, antes de 1900. O problema sobre a causa da neurose foi uma questão que perpassou toda a obra freudiana, tendo estado presente desde as cartas e rascunhos direcionados a Fliess, como também em muitos outros trabalhos, como “As neuropsicoses de defesa”, de 1894, “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” e “A etiologia da histeria”, ambos de 1896. A questão sobre sua causa começou, entretanto, a ser chamada como um problema de escolha a partir das cartas 46 e 52 e no “Rascunho K”, datados de 1896,

perpassando por artigos mais tardios como “O tema dos três escrínios” e “A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose”, de 1913. Percebemos ainda que o autor ofereceu notáveis contribuições que facilitam o entendimento dessa questão em suas “Conferências introdutórias sobre a psicanálise”, mais especificamente as conferências XXIII e XXIV, de 1917, em “Inibições, sintomas e angústia”, de 1926, como também no seu trabalho póstumo “Análise terminável e interminável”, de 1937.

Freud cedeu grande parte de seus estudos ao questionamento sobre quais seriam os determinantes que promoveriam o surgimento de uma neurose. E questionamos por que o autor forneceu o termo “escolha” ao se remeter à origem desse processo. Ao discorrer sobre a etiologia, Freud (1913/1996f) relacionou esse termo aos determinantes constitucionais, que para o autor se relacionavam com o que o sujeito traz consigo filogeneticamente e com o que ele adquire no ambiente. Diante disso, perguntamos como é possível falar de escolha em um contexto no qual aparenta haver uma sobredeterminação hereditária e do que é adquirido no ambiente. Se há escolha, quem escolhe? Além disso, se partirmos das contribuições de Jacques Lacan sobre o conceito de *sujeito do significante* (1), seria o sujeito determinado por esse registro quem escolhe? Mas como, se ele já é considerado constituído? Como pensar o sujeito como aquele que agencia um modo específico de lidar com essa própria estrutura que o funda?

Em seu texto de 1913, intitulado “A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose”, Freud mobilizou-se a examinar os determinantes da estruturação subjetiva, o que nos possibilitou fazer alguns apontamentos sobre o tema da escolha. Ele lembrou que esses determinantes envolveriam tanto fatores constitucionais, como causas acidentais. Apesar de afirmar que o fator acidental, isto é, um encontro contingente que desencadeia um trauma psíquico, teria uma parcela de importância na equação etiológica, o autor considerou que seria apenas o elemento constitucional que determinaria a escolha da neurose. O nível constitucional se relacionava com o que ele chamou de “inibições do desenvolvimento” (Freud, 1913/1996f, p.342) e se remetia à disposição à fixação da libido.

Embora em 1913 o conteúdo constitucional tenha aparentado ter um caráter filogenético, hereditário, como “aquilo que uma pessoa traz consigo para a sua vida” (p. 341), quatro anos mais tarde, na Conferência XXIII, Freud (1917/1996i) acrescentou à composição do componente constitucional as experiências adquiridas no início da infância. Por outro lado, o fator acidental foi tomado nesse segundo momento de sua teoria como uma “experiência casual (traumática) no adulto” (p. 364) e foi inserido como o segundo elemento que cooperava para a causação de uma neurose. Para Freud, portanto, em 1917, as causas determinantes que acarretariam uma neurose se resumiam, de um lado, à disposição devido à fixação da libido, que incluía a constituição sexual pré-histórica e a experiência infantil, e, de outro, a uma vivência traumática na vida adulta.

É importante ressaltar que, diante da observação de Freud em 1913 de que o fator acidental não tinha participação alguma para a escolha da neurose e de que o elemento determinante seria o constitucional, deduz-se, com as contribuições oferecidas na conferência de 1917, que eram os diferentes fatores constitucionais (constituição sexual herdada e experiência sexual infantil) que se combinavam para definir um tipo de neurose e não outro. Isso nos faz pensar que, para o autor, haveria não só uma sobredeterminação hereditária, como também uma experiência adquirida no início da infância que influenciavam os fatores de escolha.

Apesar de Freud ter usado o termo “escolha” no texto de 1913 e em algumas cartas e rascunhos antecedentes, ele não fez nenhuma afirmação a respeito do grau de participação do sujeito nesse ato. Mas há um trabalho muito significativo, contemporâneo de “A disposição à neurose obsessiva”, no qual o autor aprofundou o tema em questão. Denominado “O tema dos três escrínios” (1913/1996g), esse artigo fez um percurso por algumas histórias infantis e

mitológicas e aproximou a questão da escolha com a do feminino e do três, isto é, da particularidade de se escolher o terceiro.

Freud (1913/1996g) iniciou o trabalho relatando duas cenas de Shakespeare. Em ‘O Mercador de Veneza’, a protagonista Portia estava para se casar a pedido do pai, e à frente de três escrínios (ouro, prata e chumbo), seus três pretendentes deveriam escolher o escrínio correto, aquele que tinha o retrato da noiva, para conquistá-la. Um dos pretendentes fez a escolha pelo chumbo e ganhou a noiva. Em seu discurso, ele disse preferir a lividez e a simplicidade do chumbo contra a exuberância da prata e do ouro.

Freud (1913/1996g) questionou-se por que a escolha pela noiva estava condicionada à eleição entre três escrínios. E em sua tentativa de resposta, ele argumentou que, tal como nos sonhos, há um deslocamento simbólico que permite deduzir que a escolha diante de três metais se remete à escolha entre três mulheres. Nessa comparação, Portia foi associada ao caráter abatido do chumbo em contraposição à opulência da prata e do ouro.

A segunda cena, retirada da peça ‘O Rei Lear’, conta a história do velho Rei Lear, que decide dividir o seu reino entre suas três filhas enquanto se acha vivo. Tal divisão seria proporcional ao amor que cada uma delas deveria expressar por ele. Após saberem disso, Goneril e Regan assoberbam-no de amor, enquanto Cordélia, a filha mais nova, permanece calada. Lear, que decide dividir o seu reino para as duas filhas mais velhas, perde tudo, o que denota que ele deveria escolher a terceira.

Freud (1913/1996g) retomou outras histórias que preservam as mesmas características. Remeteu-se à história do pastor Páris, que tem de escolher entre três deusas e prefere a terceira, que é a mais bela; falou também de Cinderela e de Psiqué, que, em seus respectivos contos, também são as terceiras filhas e representam as mais sublimes. O autor então se interrogou por que há uma recorrência de três figuras femininas nesses contos e o que motiva a obrigatoriedade da escolha recair na terceira. Segundo ele, há algum determinante na escolha para além da beleza, algo que associa a terceira com um caráter enigmático, já que Cordélia permanece muda, Portia é associada ao metal mais apagado e Cinderela se esconde na festa para não ser encontrada depois do baile. Ao falar sobre o que motivou o pretendente de Portia a escolher o chumbo, este disse comovido pela palidez desse metal. Segundo Freud, o chumbo é mudo, tal como Cordélia, que “ama e cala” (p. 318). Partindo de sua análise dos sonhos, Freud encarou a mudez como a representante da morte; além disso, considerou a terceira das três irmãs escolhidas como uma morta, como poderia ser a própria Deusa da Morte.

Ao retomar essas histórias infantis, Freud (1913/1996g) advertiu que sua observação anterior de que a terceira irmã seria a Deusa da Morte tornou-se ininteligível, porque Portia era a mais bela e sábia, Cordélia a única filha leal e, no julgamento de Páris, esta era uma deusa por sua beleza. Havia, portanto, uma dupla natureza na concepção dessas terceiras irmãs, uma vez que elas vieram fazer referência à sujeição do homem à morte e ao mesmo tempo assumiam o lugar do desejo e do encanto. Diante disso, o autor supôs que algo impelia a substituição da morte pelo seu oposto.

Algo no homem estava fadado a lutar contra esta sujeição, pois é apenas com extrema má vontade que ele abandona sua pretensão a uma posição excepcional. O homem, como sabemos, faz uso de sua atividade imaginativa a fim de satisfazer os desejos que a realidade não satisfaz. Assim sua imaginação rebelou-se contra o reconhecimento da verdade e construiu em seu lugar um mito derivado, no qual a Deusa da Morte foi substituída pela Deusa do Amor [...]. A substituição por um oposto desejado em nosso tema retorna a uma identidade primeva [...]. A escolha se coloca no lugar da necessidade, do destino. Desta maneira, o homem supera a morte, que reconheceu intelectualmente (Freud, 1913/1996g, p. 322-323, grifo meu).

Quando Freud (1913/1996g) afirmou que a escolha advém no lugar da necessidade, sendo dessa maneira que o homem supera a morte, ele nos faz pensar que o trauma, que faz face à morte, se coloca como imperativo e, diante dele, é necessário ao sujeito escolher assumir determinada posição para se manter em vida; em outras palavras, perante o aspecto sinistro da Deusa da Morte, ele escolhe implantar-lhe beleza, transformando-a na Deusa do Amor, e assim sobrevive, organizando-se através da fantasia que ele próprio criou, “faz-se uma escolha onde, na realidade, há obediência a uma compulsão; e o escolhido não é uma figura de terror, mas a mais bela e desejável das mulheres” (p. 323).

Sobre esse assunto, não nos podemos esquecer de, que ao contrário da lei instintiva, o homem não tem uma orientação natural que governa o seu ser, restando-lhe um vazio, uma precariedade existencial em sua constituição. Logo, supomos que essa ‘substituição por um oposto desejado’, como expresso na passagem supracitada, seja uma atribuição fantasística para tentar dar conta daquilo que é insuperável e do qual ninguém escapa – a morte. O enfrentamento da morte anunciado na mitologia homérica aponta para uma elaboração da condição faltante e castrada do homem, que busca ser resolvida, na neurose, pela construção de uma tessitura fantasmática particular.

À vista disso, é importante observar que o inconsciente freudiano se organiza como um tecido significativo que se forma como uma invenção, uma história na sua maneira de tratar aquilo que é da ordem do traumático. Por termos perdido o instinto, como aquilo que organiza todo o comportamento animal, ficou um cavo não assimilável em nossa constituição. Em contrapartida, esse furo permitiu que se construíssem diversas narrativas, várias versões na tentativa de responder a essa falta estrutural. Isso nos faz supor que o modo de lidar com o trauma seja sempre inventado. É, portanto, a forma idiossincrática de se posicionar frente ao traumatismo que singulariza cada sujeito, dando sentido a seus mecanismos de escolha.

Podemos afirmar que a escolha se distancia de uma decisão livre, arbitrária. Ao dizer que tantos fatores sobredeterminados influenciam nessa eleição, Freud antecipou a ideia lacaniana de ‘escolha forçada’, que será desenvolvida a seguir. Laplanche e Pontalis (2004) observam que Freud não usou o termo ‘escolha’ segundo uma concepção intelectualista, como se “supusesse que seria escolhido um entre diversos possíveis igualmente presentes” (p. 154). Haveria, em contrapartida, uma concepção determinista envolvida nisso, uma vez que essa escolha se apresenta como uma escolha já estabelecida, como a única forma de melhor responder ao traumatismo. Na cena de ‘O Rei Lear’, este podia escolher uma dentre as três filhas, mas, para combater a ruína, que faz face à castração, ele deveria escolher necessariamente a terceira. Logo, a livre escolha não é nada livre, segundo Freud (1913/1996g), mas deve necessariamente recair na terceira, senão o sujeito experimenta todos os malefícios provenientes do seu ato. A escolha pela terceira alude à única possibilidade de enfrentamento da castração.

Se articularmos a escolha como um posicionamento necessário do sujeito para fazer frente ao traumatismo e para se manter em vida, isso nos faz pensar que alguma participação nossa, mesmo que inconsciente, está envolvida e nos resta diante dos fatores constitucionais. Essa escolha pode ser entendida como um posicionamento que se localiza do lado da defesa, do modo de enfrentamento da castração. Isso é evidenciado em um texto mais tardio de Freud, “Análise terminável e interminável” (1937/1996m), no qual o autor situou a neurose como um conflito entre pulsão e defesa, cabendo ao sujeito escolher suas modalidades defensivas perante a universalidade da pulsão (2), que é traumática. São essas formas de defesa que organizam os modos de o sujeito se colocar diante do trauma e que circunscrevem os seus modos de satisfação, fazendo com que haja um vínculo aproximado entre defesa e posição do sujeito, dos quais ele é sempre responsável. Com isso, podemos considerar que as formas de escolha no processo de constituição subjetiva se aproximam de modos de defesa, como um posicionamento para responder ao traumatismo. Para além da sobredeterminação, há, portanto, um

posicionamento do sujeito em constituição para responder e dar sentido a esse fato de estrutura, o que faz com que ele escreva a sua história inconsciente de maneira particular. Nesse contexto, faz-se necessário recorrermos a outro esquema freudiano para melhor fundamentar a resposta sobre a questão sobre a qual discutiremos futuramente, a saber, se há escolha sexual.

Freud apresentou, em sua “Carta 52” (1896/1996b), um modelo do aparelho psíquico que pode facilitar o entendimento sobre como o mecanismo de escolha inconsciente é constituído. Amparado na ideia de que o psiquismo se funda por meio de percepções e de traços de memória, o autor construiu um esquema a partir do qual evidenciou que a organização psíquica está centrada na sucessão de marcas, de inscrições (*Niederschriften*), demonstrando que esse aparelho se estratifica em diferentes registros e sugerindo que ele é edificado através de uma escrita simbólica no campo do vivo. Vamos a ele:

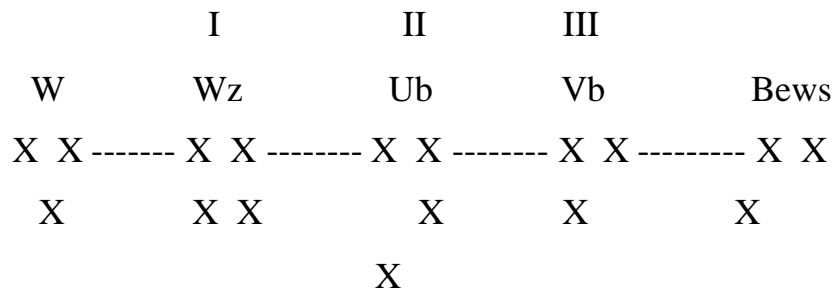


Figura 1: modelo do aparelho psíquico da “Carta 52”

*W* (*Wahrnehmungen* – percepção) representa a pura percepção, que tem livre acesso à consciência, mas que não conserva nenhum traço de memória; *Wz* (*Wahrnehmungszeichen* – indicação de percepção) alude ao primeiro registro, que guarda os traços de percepção e que não tem ligação com a consciência; *Ub* (*Unbewusstsein* – inconsciência) corresponde ao segundo registro, que não tem acesso à consciência e que também conserva os traços de memória, registrando as lembranças conceituais; *Vb* (*Vorbewusstsein* – pré-consciência) aproxima-se das representações verbais e representa a instância egoica; e *Bews* é a consciência.

Quando Freud (1896/1996b) descreveu o registro *W* como pura percepção, como uma etapa primitiva, jamais registrável, podemos dizer que essa experiência se localiza na ordem do mito, hipotética, uma vez que, tal como nos lembra Lacan (1954-1955/1985), “permanece sempre algum rastro na lousa daquilo que foi, num dado momento, escrito, mesmo se não estiver mais visível. Ela conserva aquilo que uma vez foi percebido, enquanto que o que está na superfície torna-se virgem” (p. 179). É a isso que o registro seguinte (*Wz*) se refere, como a primeira inscrição mnêmica dos signos de percepção. Já o registro subsequente (*Ub*) remete-se à articulação dos traços de memória registrados, é o inconsciente como uma rede articulada de traços mnêmicos, que é evidenciada em todas as formações do inconsciente, como nos sintomas, nos sonhos, nos lapsos, etc. Os signos de percepção seriam mobilizados por aquilo que Freud (1896/1996b) chamou de ‘facilitações’, estabelecendo a articulação dos traços inaugurais e instaurando o registro *Ub*, da inconsciência.

A partir desse esquema, podemos inferir que as escolhas no processo de constituição do sujeito são assujeitadas a uma rede de representações que se organiza inconscientemente. A escolha, portanto, não se aproximaria de um livre-arbítrio, já que o sujeito que escolhe é, antes de tudo, escolhido por sua determinação inconsciente. O sujeito não é agente, mas efeito dessa inscrição, cabendo a ele aceitar ou não o que o determinou. A escolha seria, portanto, estabelecida em um momento mítico, por um sujeito ainda em constituição, o que faz com que

essa escolha seja agenciada de maneira cega, sem alternativas, podendo-se falar dela apenas *a posteriori*, a partir dos efeitos que dela resultam. Como nos lembra Lacan (1957-1958/1998), “o sujeito entra no jogo como morto, mas é como vivo que irá jogá-lo, é em sua vida que precisará usar o naipe que naquela ocasião ele anuncia” (p. 558).

### Lacan e a escolha forçada

Se considerarmos a sexualidade da ordem de uma escolha, não podemos nos furtar a uma questão: Quem é esse sujeito que escolhe? É o sujeito do inconsciente, aquele já constituído por esse registro?

Quando Lacan (1957-1958/1998) definiu o esquema L como o diagrama que traça as relações imaginárias e simbólicas do sujeito em sua constituição, ele se questionou sobre como o sujeito estaria implicado aí. Para nós, essa pergunta poderia ser formulada da seguinte forma: Como o sujeito está implicado em sua escolha sexual? Respondendo a essa questão, Lacan o definiu como um sujeito em sua “inefável e estúpida existência” (p. 555), alegando que “o estado do sujeito S depende do que se desenrola no Outro A” (p. 555). Logo, podemos pensar que essa escolha é forçada pela forma particular de como o Outro (3) se apresenta para o sujeito; além disso, esse sujeito que escolhe é mítico, ainda em constituição, e, por isso, não sabe os efeitos que resultam do seu modo de responder. Desse sujeito só se pode falar *a posteriori*, em um momento em que a eleição já foi estabelecida.

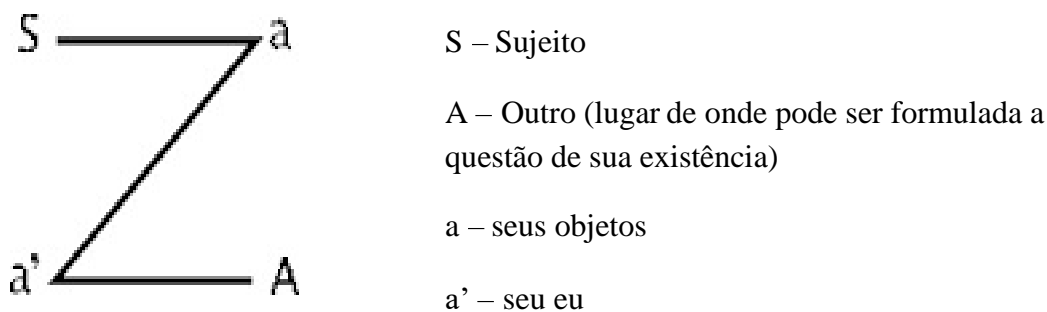


Figura 2: Esquema L

Ao afirmar que a escolha não é nada livre (Freud, 1913/1996g), supomos que Freud reconheceu que essa eleição não envolve uma opção subjetiva; de maneira contrária, ela é correlativa a um modo forçado de o sujeito S se defender do encontro traumático com a pulsão. Retomando a frase freudiana *Wo Es war soll Ich wedren* (4), que é traduzido por Lacan por “ali onde o isso era, é meu dever que eu venha a ser” (Lacan, 1955/1998, p. 419) ou por “lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo (eu) advir” (Lacan, 1966/1998, p. 878), podemos inferir que, diante do traumatismo da pulsão, isto é, do Isso goza, devo eu, como sujeito e como defesa, advir, elegendo um sentido para esse traumatismo na tentativa de livrar-me do desamparo. A escolha residiria aí, como defesa.

Estamos cada vez mais inclinados a pensar que a linguagem antecede o nosso nascimento, somos falados pelo Outro antes mesmo de virmos ao mundo. Esse Outro como lugar da linguagem precede o sujeito e é causa deste. E pela assunção deste último ser, decorrente do assujeitamento ao campo do Outro, vamos examinar o conceito de ‘alienação’, referente às operações de alienação e separação, trabalhadas por Lacan em seu seminário “Os

quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964/1985) para, a partir daí, termos subsídios para demonstrar o caráter sobredeterminado da escolha subjetiva.

Quando Lacan começou a delinear o que seria a alienação, ele situou dois campos que estão presentes nessa operação: o sujeito e o Outro. Estes são campos relacionados e também circulares, uma vez que, além de haver o movimento de identificação aos significantes do Outro, o sujeito também passa a se posicionar diante de toda a estrutura social e cultural circundante, podendo aprovar ou contestar as prescrições dessa instância simbólica, como também pode ver aparecer algum traço de si no Outro. O que é importante ressaltar aqui é a necessidade de alguns traços serem tomados como referência para que o organismo vivo se submetea à linguagem, independente de aceitá-los ou de negá-los posteriormente.

Essa relação entre o sujeito e o Outro é evidenciada no esquema de Lacan (1964/1985) demonstrado logo abaixo.

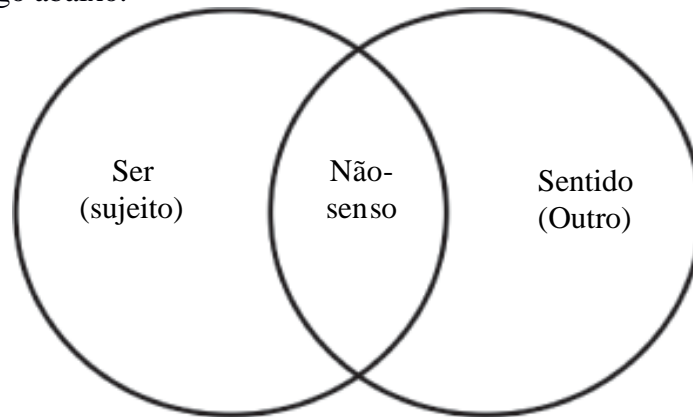


Figura 3: Relação entre o sujeito e o outro

Esse é o nível da alienação, que demonstra que, para o sujeito advir, é necessário que se submetea ao Outro como linguagem. Por isso, não tem como esse sujeito ser definido como uma instância ôntica, como um sujeito que tenha consciência de si. Éric Laurent (1997) relembra a frase sartriana “o inferno são os outros” para evidenciar que não nos podemos conhecer como sujeitos sem a interferência dessa estrutura simbólica.

A alienação configura-se pela instituição da ordem simbólica e pela submissão do sujeito a esse campo. Apesar de Lacan (1964/1985) ter aproximado a alienação de uma submissão à estrutura significativa, ele, por outro lado, a relacionou com um mecanismo de escolha. O autor denominou esse tipo de escolha como uma ‘escolha forçada’, na qual o sujeito deve eleger entre a liberdade e a vida, sendo a liberdade entendida como a liberdade de morrer, de escolher a morte, e a vida como uma vida amputada de liberdade. Nessa forma de escolha, as alternativas são reduzidas, sendo que o sujeito deve eleger a morte ou então a submissão ao Outro, e assim ser representado de maneira distorcida por palavras.

Na alienação, as ofertas de escolha são amplamente limitadas e Lacan (1964/1985) empregou a expressão “A bolsa ou a vida!” (p. 207) para demonstrar que, no exemplo de um assalto, se escolhermos a vida, perderemos a bolsa e, se escolhermos a bolsa, ficaremos sem a vida e, conseqüentemente, sem a bolsa. É impossível permanecer com a vida e com a bolsa. Podemos escolher abrir mão das duas, mas, para nos mantermos em vida, a única possibilidade de escolha é a de perder alguma coisa. O que está em jogo nesse exemplo é a relação entre o sujeito e o Outro e a opção forçada de alienar-se a esse último. Assim, perder o ser e ser representado por palavras é a única maneira de manter-se em vida. Essa é a via que Lacan



(1964/1985) chamou de “via da escravidão” (p. 207), em que, se se escolhe a vida, esta se apresenta como uma “vida amputada de liberdade” (p. 208).

A alienação e a separação, como operações de constituição subjetiva, estão intrinsecamente ligadas à questão da escolha sexual inconsciente. Além de expressarem duas faces de um mesmo processo – a primeira, se referindo à relação do sujeito com o significante, e a outra, à articulação do sujeito com o seu desejo –, elas também revelam um mecanismo de escolha que se apresenta como uma injunção, como um destino ligado à fala, que é subordinante e de que se pode falar apenas *a posteriori*, quando a escolha já foi realizada. Em “Posição do Inconsciente” (1960-1964/1998), Lacan utilizou a palavra *velle*, remetendo-a a um ‘querer’, que está intrínseco às operações de estruturação do sujeito. Se aproximarmos essa questão ao tema da escolha, podemos dizer que há um querer inconsciente que determina não apenas a escolha sexual, como qualquer escolha no processo de constituição subjetiva. Isso faz com que o sujeito não possa ser pensado como aquele que ocupa uma posição de atividade, como agente de uma escolha, mas sim como aquele que é determinado e falado por esse querer, o que leva a que esse sujeito só possa entrar nessa operação como escravo, subordinado às suas determinações inconscientes.

### **A sexualidade é da ordem de uma escolha?**

Diante de tantas demonstrações antropológicas, sabemos que, dentre as culturas, há grande diversidade no que se refere aos modelos. E pensar a orientação sexual e suas diversas formas de apresentação nos confronta com uma série de questões não só sobre a etiologia da sexualidade, como também sobre a divergência que algumas daquelas formas se expressam em relação aos padrões sociais. Mas o que a teoria e a clínica psicanalíticas têm a dizer sobre isso?

Freud, em 1905, escreveu os seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, alegando que as diferenças sexuais no desenvolvimento sexual da menina e do menino não se devem apenas à distinção anatômica entre os seus órgãos genitais, mas, antes de tudo, à situação psíquica aí envolvida, afirmando que considerar a diferença sexual a partir da anatomia não resolve o problema, já que a anatomia é impregnada de elementos fantasmáticos, e ela sozinha responde apenas com os caracteres secundários do corpo, como o desenvolvimento fisiológico, hormonal, etc.

Nesse trabalho, o autor trouxe um questionamento referente ao imaginário social de que haveria uma prática sexual normal, bem como uma complementaridade entre os sexos. Ele observou que as apresentações da sexualidade são muito diversas, podendo-se manifestar de inúmeras formas, mesmo naquelas que, a princípio, não teriam cunho sexual. Para o autor, os objetos de satisfação libidinal são os mais diversos possíveis, o que dá suporte à sua teoria sobre a bissexualidade como constitutiva e universal; em outras palavras, pelo fato de o objeto de satisfação ser variável, é possível investir, de forma latente ou manifesta, em qualquer objeto, de ambos os sexos. Sobre isso, ele questionou frontalmente a ideia de uma escolha sexual pré-estabelecida, que responderia ao que é normal e ao que é patológico, e propôs de maneira inédita uma desvinculação entre sexo biológico, identidade de gênero e objeto de satisfação sexual.

Anos mais tarde, ao construir o modelo do aparelho psíquico, o autor argumentou que o próprio Eu, como representante psíquico do mundo externo e da realidade, não tem gerência alguma sobre os conteúdos representacionais inconscientes, que não cessam de se fazer presentes à consciência (Freud, 1923/2007). Nesse caminho, a filósofa contemporânea Judith Butler (2000) afirma que “o eu consciente, que estaria disposto a revelar a sua sexualidade, talvez seja o último a saber o significado daquilo que diz” (p. 92), mostrando que o próprio Eu não tem conhecimento e comando sobre suas determinações sexuais inconscientes.

Portanto, as características anátomo-biológicas, os padrões sociais e a própria instância egoica não fornecem nenhum *a priori* para a constituição da sexualidade humana, distanciando

a escolha sexual de uma escolha consciente, de uma opção dada socialmente e mesmo de uma sobredeterminação anatômica. Tal escolha poderia ser mais bem interpretada se fosse entendida como uma orientação, concebida singularmente, de maneira inconsciente, antes mesmo da constituição do Eu, que leva em conta a anatomia, porém está para além desta. A escolha sexual seria não só influenciada pela cultura, mas principalmente construída a partir da história particular do desejo de cada sujeito, de suas identificações e de suas fixações de gozo.

Em suma, não podemos falar de uma escolha livre em um contexto no qual o sujeito que elege ainda está em constituição. Isso nos faz supor que essa eleição se apresenta como uma escolha cega, sobredeterminada por outros fatores, e que é somente em um segundo momento, através da formação dos sintomas, dos lapsos e de todas as formações do inconsciente, que é possível ao sujeito subjetivar a particularidade de sua escolha e de sua constituição. Essa escolha é forçada e estruturante, ela fornece um trilhamento específico a partir dos modos de inscrição da linguagem na matriz orgânica. Ela permite com que o sujeito se constitua de maneira particular e possibilita conferir as formas mais diversas de apresentação da sexualidade, cabendo ao sujeito, só em um segundo tempo, aceitá-la, recusá-la ou desmenti-la.

Mas, se temos pouca liberdade de escolha para nos constituir e adentrar no mundo da linguagem, se somos servos de uma escolha sobredeterminada, marcada por uma submissão ao Outro para nos inserirmos no campo do humano, há, todavia, a possibilidade de subjetivarmos os enigmas de nossa fundação. Isso é evidenciado no processo de análise, que envolve um reposicionamento subjetivo em relação ao Outro como linguagem e como desejo. É o processo através do qual o sujeito subjetiva sua escolha, isto é, se encarrega do seu posicionamento diante do traumatismo e assume a responsabilidade pela sua postura diante do Outro, do seu sintoma e dos seus modos de gozo. É o processo de aceitação de que nele há um querer que organizou tanto a sua relação com o significante quanto a sua relação com o desejo e com o gozo.

Essa relação do sujeito com a sua escolha fica mais bem esclarecida na frase de Goethe, citada por Freud em “Totem e tabu” (1913/1996h): “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (p. 188). De maneira um pouco análoga, Sartre (1987) declara que não importa o que fizeram com o sujeito, o que importa é o que o sujeito faz com aquilo que fizeram com ele. Esse é o percurso da análise!

Sendo assim, a escolha implicada na análise envolve uma exploração não apenas da escolha sexual, mas de todas as escolhas cegas realizadas pelo sujeito em sua constituição, é assumir a responsabilidade pelo caminho forçado que ele percorreu e que o estruturou.

## Referências

Butler, J. (2000). Imitación e insubordinación de género. In: Historia, género e identidades sexuales. Buenos Aires: Edelp.

Daquino, M. (2017). Trans, entre sexo e gênero. In: A diferença sexual: gênero e psicanálise. São Paulo, SP: Agente Publicações.

Freud, S. (1996). As neuropsicoses de defesa. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 3, pp. 51-72). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1894)

Freud, S. (1996a). Carta 46. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 276-280). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado 1896)

Freud, S. (1996b). Carta 52. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 281-287). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)

Freud, S. (1996c). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 3, pp. 141-155). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)

Freud, S. (1996d). A etiologia da histeria. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 3, pp. 187-215). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)

Freud, S. (1996e). Rascunho K. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 267-276). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)

Freud, S. (1996f). A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose (1913). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 337-349). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (1996g). O tema dos três escrínios. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 313-325). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (1996h). Totem e tabu. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 13-163). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (1996i). Conferências introdutórias sobre a psicanálise. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 16, pp. 251-463). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1996j). Inibições, sintomas e ansiedade. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 20, pp. 81-171). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1996l). A dissecação da personalidade psíquica (1933). In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 22, pp. 63-84). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)

Freud, S. (1996m). Análise terminável e interminável. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 225-270). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Freud, S. (1996n). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad. Vol. 7, pp. 76-150). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (2007). O Eu e o Id. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud. (L. Hanns, trad., Vol. 3, pp. 13-92). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Lacan, J. (1985). O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. (D. Estrada, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955)

Lacan, J. (1998). A coisa freudiana. In: Escritos. (V. Ribeiro, trad., pp. 402-437). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955)

Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Escritos. (V. Ribeiro, trad., pp. 496-533). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)

Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Escritos. (V. Ribeiro, trad., pp. 537-590). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)

Lacan, J (1985). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J (1998). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In: Escritos. (V. Ribeiro, trad., pp. 843-864). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1964)

Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In: Escritos. (V. Ribeiro, trad., pp. 869-892). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)

Laplanche, J.; Pontalis J. B. (2004). Vocabulário da psicanálise. (P. Tamen, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Laurent, E. (1997). Alienação e separação I. In: Para ler o Seminário 11 de Lacan. (D. Estrada, trad., pp. 31-41). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Sartre, J. P. (1987). O existencialismo é um humanismo. (R.C. Guedes, trad., 3ª ed.). São Paulo, SP: Abril Cultural.

Saussure, F. (2004). Curso de linguística geral. (A. Chelini, trad. 26ª ed.). São Paulo, SP: Cultrix.

#### Notas:

(1) Lacan retira o conceito de significante do linguista Ferdinand Saussure (2004), que o considera como uma imagem acústica, de modo que ela envolve uma impressão psíquica de um som material sobre o sujeito. Para Saussure, um significante sempre estaria relacionado a um significado (conceito), definindo ambos como uma unidade indissociável. Mas Lacan subverte a acepção saussuriana e fornece como exemplo o par noite/dia e homem/mulher para afirmar que um significante não atende à função de representar o significado, mas que um significante só se produz a partir da oposição a outro (Lacan, 1957/1998). Para Lacan, o significante nada significa, ele é pura marca, ele é a primeira coisa a que acede o *infans* e incide como um traço, como uma escrita simbólica no corpo orgânico. Ele é uma máquina sonora sem sentido algum, que quando inoculado no campo do ser permite subverter a natureza.

(2) O conceito de pulsão é designado pela psicanálise freudiana como uma energia psíquica que advém de maneira constante à vida anímica, gerando uma tensão no psiquismo e, em decorrência disso, ocasionando uma exigência de trabalho em busca de uma descarga

(3) No seminário “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” (1954-1955/1985), Lacan formulou o conceito de “grande outro” (representado por “o” maiúsculo, ou então, quando referido à palavra francesa *Autre*, por “a” maiúsculo) para se referir ao campo da linguagem, ao código, ao tesouro dos significantes. É um campo que, apesar de ser assumido por um semelhante no início da constituição subjetiva, se remete ao campo simbólico, campo esse articulado para além do sujeito, visto que ele se refere a toda estrutura social e cultural que o circunda.

(4) A tradução inglesa, apoiada na Psicologia do Ego, bem como a versão em português, interpretaram essa frase como “onde estava o id, ali estará o ego” (Freud, 1933/1996I, p.84). Mas Lacan (1966/1998) aponta para o uso deturpado dessa tradução ao afirmar que ela denota que o sujeito é identificado ao isso (id) e que ele teria que se submeter ao eu (ego). Ao contrário disso, Lacan distingue e substitui na fórmula o eu pelo sujeito, determinando a direção do

tratamento não pela sujeição do sujeito ao eu, mas pela apropriação e responsabilização do sujeito de seus conteúdos inconscientes.

**Citação/Citation:** Palma, J. A. P. (2022) Reflexões sobre a noção de escolha sexual. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 2.), pp. 50-62.

**Recebido:** março de 2021  
**Aprovado:** fevereiro de 2022